



DIÁLOGO INTERGERACIONAL FEMININO NOS/DOS QUILOMBOS NO CENTRO NORTE TOCANTINENSE

Elaine da Silva Sousa ¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo identificar as lideranças femininas das comunidades quilombolas Pé do Morro, Dona Juscelina e Cocalinho no norte tocantinense. As comunidades estão localizadas nos municípios de Aragominas, Muricilândia e Santa Fé do Araguaia respectivamente, com acesso pela rodovia TO-222. Essa rodovia cruza o estado no sentido leste oeste, saindo da cidade de Filadélfia-TO, passando por Araguaína-TO, indo até o distrito Pontão no município de Santa Fé do Araguaia-TO. São localidades espacializadas no contexto urbano e rural e partem de uma mesma construção histórica e geográfica nesta região. São trajetos e trajetórias em que mulheres ocupam cargos e espaços de lideranças iniciados na década de 1950 a partir de processos migratórios oriundos de uma narrativa denominada de bandeiras verdes. Para cumprir o objetivo apresentado utilizei-me de uma abordagem qualitativa com uso de procedimentos metodológicos a partir de pesquisas bibliográficas pertinentes a pesquisa, observação participante e atividades de campo. As análises demonstram que os diálogos que foram e são construídos por essas lideranças negras femininas estabelecem relações que são vivenciadas em conjunto e de forma individual dentro de cada espaço e território por diferentes gerações.

Palavras-chave: Lideranças femininas, Quilombo, Diálogo Intergeracional, Norte Tocantinense.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo identificar los liderazgos femeninos de las comunidades quilombolas de Pé do Morro, Dona Juscelina y Cocalinho en el norte de Tocantins. Las comunidades están ubicadas en los municipios de Aragominas, Muricilândia y Santa Fé do Araguaia, respectivamente, con acceso por la carretera TO-222. Esta carretera cruza el estado en dirección este-oeste, partiendo de la ciudad de Filadélfia-TO, pasando por Araguaína-TO y llegando hasta el distrito Pontão en el municipio de Santa Fé do Araguaia-TO. Se trata de localidades espacializadas en el contexto urbano y rural, que parten de una misma construcción histórica y geográfica en esta región. Son trayectos y trayectorias en los que mujeres ocupan cargos y espacios de liderazgo iniciados en la década de 1950 a partir de procesos migratorios originados por una narrativa denominada *bandeiras verdes*. Para cumplir con el objetivo presentado, se utilizó un enfoque cualitativo con procedimientos metodológicos basados en investigaciones bibliográficas pertinentes, observación participante y actividades de campo. Los análisis demuestran que los diálogos que fueron y son construidos por estas lideresas negras establecen relaciones que se viven en conjunto y de forma individual dentro de cada espacio y territorio por diferentes generaciones.

Palabras clave: Liderazgo Femenino, Quilombo, Diálogo Intergeneracional, Norte Tocantinense.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás – PPGeo/IESA/UFG; Professora da rede básica de ensino do Tocantins – SEDUC/TO, elaine.sousa@discente.ufg.br.



INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo identificar as lideranças femininas das comunidades quilombolas Pé do Morro, Dona Juscelina e Cocalinho. Minha área de pesquisa² está localizada no norte do estado do Tocantins, região norte do nosso país, interflúvio dos rios Araguaia e Tocantins, abrangendo os municípios de Aragominas-TO, Muricilândia-TO e Santa Fé do Araguaia-TO com acesso pela rodovia TO-222. Essa rodovia cruza o estado no sentido leste oeste, saindo da cidade de Filadélfia-TO, passando por Araguaína-TO, indo até o distrito Pontão no município de Santa Fé do Araguaia-TO.

Em Aragominas temos o Quilombo Pé do Morro, em Muricilândia o Quilombo Dona Juscelina e em Santa Fé do Araguaia, o Quilombo Cocalinho.

São localidades espacializadas no contexto urbano e rural e partem de uma mesma construção histórica e geográfica nesta região. São trajetos e trajetórias em que mulheres ocupam cargos e espaços de lideranças iniciados na década de 1950 a partir de processos migratórios oriundos de uma narrativa denominada de bandeiras verdes.

São comunidades com características comuns, com processos de lutas e contextos semelhantes e também suas especificidades. Diante de cada contexto e organização busca-se trazer uma reflexão acerca da construção tanto das localidades quanto das lideranças femininas a partir de uma troca intergeracional, uma vez que cada localidade e cada liderança feminina têm suas singularidades. E ao observar estas características compreendo que a mulher está presente e atravessa diferentes temporalidades numa construção de trajetórias diante de fatores como a migração, a religiosidade e a identidade.

METODOLOGIA

Para cumprir o objetivo apresentado utilizei-me de uma abordagem qualitativa compreendendo que as relações femininas das mulheres quilombolas não podem ser quantificadas e sim demonstradas fielmente de acordo com a sua realidade histórica e atual como saliente a socióloga Maria Cecília de S. Minayo (1994, p. 21-22) ao considerar que “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa [...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado”, reforçando que “ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”.

² Esses dados fazem parte da pesquisa de construção da minha Tese de Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás – PPGeo/IESA/UFG.



Os procedimentos metodológicos foram construídos a partir de pesquisas bibliográficas pertinentes a pesquisa, ressaltando os escritos de Izarete Oliveira (2018) e Katiane Santos (2018) que escreveram sobre o processo migratório dessas comunidades assim como minha dissertação de mestrado (SOUSA, 2021) referente às lideranças femininas do quilombo Dona Juscelina. Observação participante de acordo com as agendas das respectivas comunidades organizadas em atividades de campo construídas em diferentes momentos: pré-campo, campo e pós-campo.

Para a realização desta pesquisa e acompanhamento das atividades, uma vez que esses dados fazem parte da tese de doutorado que está em construção, resalto que a mesma teve aprovação pelo Comitê de Ética. No item seguinte, abordo aspectos históricos e geográficos da construção das comunidades quilombolas levando em consideração as lideranças femininas observando o diálogo entre gerações.

MIGRAÇÃO FEMININA E O NORTE TOCANTINENSE

A necessidade de melhorias sempre levou e trouxe diversos grupos de pessoas de um lado do país para o outro. Os motivos são diversos, mas sempre objetivando vida digna para si e para os seus. Quando falo de grupos pioneiros, quase sempre estou falando de movimentos migratórios de pessoas pobres e que passam ou passaram por dificuldades com acesso a terra.

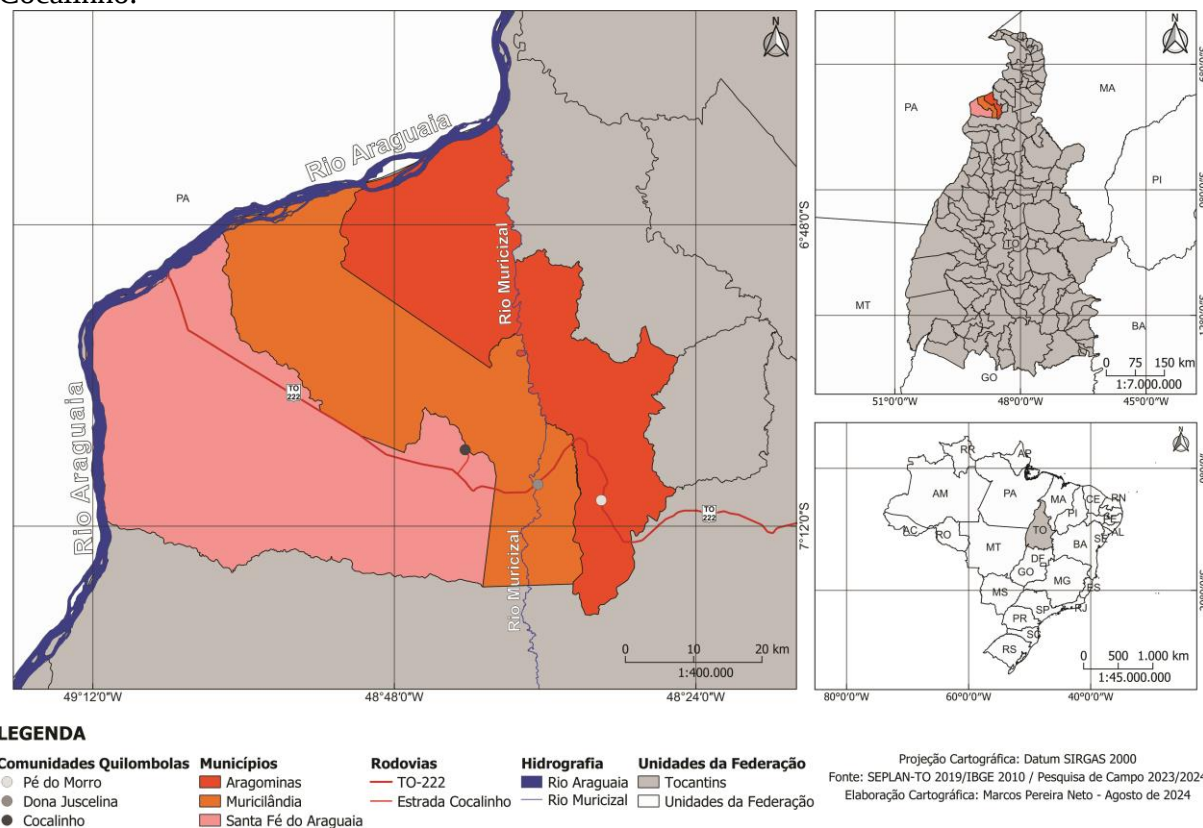
A geógrafa Regina Sader (1986) relata que os pioneiros no povoamento do norte goiano são os migrantes oriundos do Maranhão. Esses grupos constroem novos espaços em cada lugar que se encontram. Sua forma de ver e viver na terra ultrapassam os entendimentos do capitalismo lucrativo. “Partindo em busca da remissão, da liberdade, esse campesinato produzirá seu espaço no Bico do Papagaio com características peculiares” (SADER, 1986, p. 111).

É nessa perspectiva de características que a cientista social Antonieta Vieira, durante as atividades de campo para a elaboração de sua tese, nos afirma que:

Na década de 50 formou-se em Filadélfia, na divisa do Maranhão com Goiás o grupo de *Romeiros de Padre Cícero* [...] de aproximadamente cem pessoas, lideradas por uma mulher, Júlia, que se dirigiu para uma região próxima de Araguaína, local em que atualmente ainda vivem remanescentes (VIEIRA, 2001, p. 97-98).

São esses migrantes que irão, posteriormente, dar origem as comunidades quilombolas Pé do Morro e Dona Juscelina localizados às margens da TO-222, e Cocalinho como podemos observar no mapa 01.

MAPA 01: Localização das comunidades quilombolas Pé do Morro, Dona Juscelina e Cocalinho.



Fonte: SEPLAN-TO. Organização: Pereira Neto, M. (2024).

Os romeiros que chegaram ao Pé do Morro vieram em busca das Bandeiras Verdes. De acordo com Antonieta Vieira (2001, p. 143) “a profecia das *Bandeiras Verdes* é atribuída ao Padre Cícero. Ele teria dito a seus fiéis que no *fim dos tempos* deveriam procurar as *Bandeiras Verdes*, que foram identificadas como as *matas amazônicas*”.

O movimento migratório em busca das Bandeiras Verdes para onde, atualmente, é o norte do Tocantins foi conduzido por uma liderança feminina como pode ser observado nos escritos de Maria Antonieta Vieira (2001), Izarete Oliveira (2018) e Katiane Santos (2018). Um deslocamento realizado pelo viés da religião que tem em seu âmago questões de gênero e buscam para si locais onde possam exercer com liberdade seus saberes e fazeres tradicionais.

A historiadora e psicanalista Angelica Höffler, na sua dissertação referente às profecias e encantamentos nas/das florestas a partir da literatura de cordel nordestina, considera que:



A fé que move os sertanejos parece não permitir que a benevolência divina seja ofertada sem sacrifício. E a romaria é o sacrifício que lhe ofertam. Longas distâncias são percorridas em meios de transportes precários e extremamente desconfortáveis, pagos com dificuldade. O pouco alimento que possuem é partilhado assim como a fé. Contudo, a peregrinação é também vetor que reúne todo um povo: o povo de Deus (HÖFFLER, 1999, p. 129).

É nesse sentido que posso compreender as entrelinhas dos movimentos migratórios nordestinos para o oeste brasileiro, como afirma Antonieta Vieira ao mencionar que “a crença na profecia é compartilhada por camponeses nordestinos e do centro-oeste, tendo sido, para muitos, o elemento desencadeador da migração para a Amazônia” (2001, p. 143). A cientista social destaca que:

Na bibliografia mais ampla sobre movimentos sócio-religiosos, mesmo quando se considera perspectivas teóricas diferentes, é possível observar a recorrência do argumento que aponta a situação de crise, especialmente social e política, como propiciadora ou desencadeadora dos movimentos (VIEIRA, 2001, p. 80).

Nessa perspectiva do movimento, as comunidades apresentam construções que partem do mesmo processo de formação histórica e geográfica. Estão na base dos saberes e da atuação das lideranças femininas que lutam diariamente por direitos, espaço e visibilidade diante de uma sociedade patriarcal, classista, sexista, racista. Falar de mulheres e de lideranças femininas no norte tocantinense é falar de enfrentamentos diários e, de certa forma, das inúmeras violências implícitas nos espaços e territórios.

Sem dúvidas, o norte tocantinense que também engloba a região do Bico do Papagaio, continua sendo um espaço de luta, e é nesse contexto que reencontramos com Regina Sader (1995, p. 06) que identificou questões das mulheres nessa área em plena luta pela terra: “luta que além de mudar formas de propriedade, com a instalação de roças comunitárias, traz a participação da mulher na vida política e o reconhecimento de sua existência para além do trabalho doméstico”. Um encontro de trajetórias religiosas, políticas e econômicas que traçam caminhos e rumos, delimitam espaços e marcam corpos, principalmente, o da mulher.

As mulheres trabalham muito. Mais que os homens. Socam o arroz no pilão, cuja mão pesada não sentem mais. Com a peneira jogam o arroz para o alto, e com movimentos precisos separam a palha. Andam léguas mata a dentro onde vão em grupos ajuntar o côco babaçu, cortá-lo com um golpe seco em cima da lâmina do machado pesado que carregam. Uma parte da produção será reservada ao consumo doméstico: o côco é socado e cozido na água, até o óleo se desprender. As fervuras sucessivas permitirão a separação do óleo que será utilizado na cozinha e no feitiço de sabão quando misturado com soda. A casca do coco será queimada para fazer carvão (SADER, 1995, p. 04-05).

As afirmações acerca da realidade da mulher reforçam o grau de responsabilidade que exercem dentro do papel que são a elas estipulado. Essas mulheres dão continuidade aos saberes de suas ancestrais. Ao falar sobre a luta das mulheres no Tocantins, se faz necessário ressaltar a tese de doutoramento da geógrafa Gleys Ially Ramos dos Santos (2013) que me



antecede e trata dos limites do espaço e do gênero em face do movimento de mulheres trabalhadoras rurais no Tocantins numa perspectiva geográfica. Ela afirma que:

A luta pela terra é um dos conflitos perversos que as pessoas representadas ou não por suas classes travam. Ela oferece a alguns o status quo de riqueza aliada ao poder, a outros oferece apenas a riqueza ou apenas o poder. No entanto, para aqueles que têm nela seu ponto de encontro, um ou o seu lugar, a terra oferece mais do que chão, oferece o chão mais a identidade (SANTOS, 2013, p. 120).

A identidade que é permitida ao se ter o chão sob seus pés, oportuniza a vivência e a construção de uma realidade individual e conjunta guardada politicamente com maestria pelas mulheres em suas memórias. A memória é acionada sempre que necessária num processo de articulação entre o passado e o presente, reescrevendo e repassando ensinamentos. O psicanalista social Fernando Frochtengarten considera que:

A memória oral resiste a esse saber que mais se aproxima da verdade por necessidade. O direito à narração alarga o debate sobre o vivido e conserva um mundo acolhedor de olhares geralmente impedidos de ascender à condição política (2005, p. 373).

Existe, nessa concepção, um norte goiano que foi vivido pelas mulheres que aqui chegaram através das romarias religiosas, um norte goiano para aqueles que vieram com os grandes investimentos atendendo as políticas de fronteiras econômicas, e um norte goiano/tocantinense da atualidade que é vivenciado a partir dos relatos que são rememorados em cada história que é contada. A cientista social Neusa Maria Mendes de Gusmão enfatiza que:

A memória é fundamental, posto que organiza a identidade pessoal e coletiva; ordena a percepção de si e de seu mundo; constrói e instaura o sentimento de pertença ao lugar e a coletividade e informa o código simbólico de referência do espaço social e físico. É assim, espaço de encontro e reencontro, componente essencial de registro das marcas de um tempo que compõe o real vivido e estabelece a comunicação entre momentos diversos e contínuos (1995, p. 119).

Compreendo, assim, a importância da memória que cada grupo carrega e transmite e ressalto a grande importância das mulheres nesse processo. Reforço que ela é fundamental para a construção e permanência da identidade de um grupo assim como o território.

QUILOMBOS: TERRITÓRIOS E MEMÓRIAS FEMININAS

Os quilombos Pé do Morro, Dona Juscelina e Cocalinho construíram suas histórias a partir da migração de mulheres negras. A identidade que foi nesses espaços reconstruída retrata uma trajetória de muitos enfrentamentos e inúmeras batalhas vencidas. Ao olhar a sociedade em que vivemos compreendo que a realidade para a mulher negra quilombola e



migrante nordestina nunca lhe foi receptiva. Sei que a expropriação que sofreram deixaram marcas em suas memórias e são com elas que cada ensinamento é repassado.

Cada comunidade, cada associação, cada mulher se organiza da forma que lhes é possível e necessária. Essa só lhes é permitida a partir do momento que o território é acessado – físico e/ou ancestral, ambos imbuídos culturalmente. Givânia enfatiza essas percepções.

Os territórios quilombolas, como espaços de direito ancestral, são, ao mesmo tempo, espaços de lutas insurgentes e de disputas de concepção ou de modelos de “desenvolvimento” distinguindo-se daqueles que têm como destino o latifúndio, a mineração, o agronegócio entre tantas outras funções. Além disso, pelo fato de os quilombos terem se formado por processos e em regiões diferentes, possuem, conseqüentemente, características e formas de organização diversas, inclusive quanto às formas como as mulheres quilombolas se organizam para enfrentarem as opressões de gênero (Silva, 2022, p. 106).

As comunidades quilombolas que se formaram a partir desse movimento migratório no interflúvio dos rios Araguaia-Tocantins (COSTA, 2021) construíram as suas vidas e as das gerações seguintes fundamentadas em saberes e fazeres dinâmicos nos seus respectivos espaços territoriais. A quilombola e educadora Givânia Silva (2020, 54) afirma que:

As mulheres quilombolas atuam como um acervo da memória coletiva; com elas estão registradas as estratégias de luta e resistência nos quilombos, os conhecimentos guardados e repassados de geração em geração. São diferentes formas de conhecimento, através de uma diversidade de saberes, incluindo conhecimentos tradicionais e científicos. Dentre os papéis que desempenham está o de guardiãs da pluralidade de conhecimentos que emergem e são praticados nos territórios quilombolas.

Acompanhando os eventos de acordo com as agendas das comunidades e também em outros momentos oportunos, afirmo que nos quilombos – Pé do Morro, Dona Juscelina e Cocalinho – os espaços de liderança são, em sua maioria, femininos. Ressalto que há em todos estes a presença e liderança masculina. Contudo, concordo com Givânia Silva (2022, p. 201) quando ela diz que “[...] quilombos são invenção negra e feminina [...]. Ou seja, uma invenção das mulheres da sua própria imagem e representação. É uma imagem feminina territorializada no seu pertencer, fazer e ser quilombola, no campo ou na cidade”.

Ser mulher, ser quilombola e ser liderança fazem parte do cotidiano e do processo formativo das mulheres e das comunidades quilombolas.

No quilombo Pé do Morro, as lideranças dona Maria Mendes e suas filhas e noras, as jovens Débora Gomes Lima e Andreia Marques dos Santos.

Quilombo Dona Juscelina – griô dona Rosa Mírtes, Griô dona Leonice da Silva Ferreira, a quilombola Betânia Vieira da Silva, as jovens quilombolas Ludimila Carvalho dos Santos, Yarlly Gabrielly Borges de Sousa e Monaliza Borges de Almeida.



Quilombo Cocalinho – a ex-presidente Maria das Graças Gomes de Araújo, dona Doralice irmã de dona Lucelina Gomes dos Santos (*in memorian*) do quilombo Dona Juscelina, e a jovem Beatriz Araújo da Silva, a princípio.

Os diálogos que foram e são construídos por essas lideranças negras femininas estabelecem diálogos que são vivenciados em conjunto e de forma individual dentro de cada espaço e território por diferentes gerações. Esses dão fôlego para estas mulheres.

A quilombola Carlídia Almeida destaca que:

Ao mesmo tempo que o conhecimento tradicional aspira à simplicidade e à generalidade, há nele uma sabedoria profunda atenta ao detalhe e à singularidade de cada experiência. São esses povos que têm dado exemplos contundentes de como permanecer existindo e resistindo (Almeida, 2020, p. 154).

As mulheres quilombolas e a juventude quilombola querem viver e estão revivendo a partir dos saberes ancestrais, e seus conhecimentos são repassados de uma geração para a outra a partir do enraizamento de sua identidade que é rememorada no ato de revisitar o passado como afirma a filósofa francesa Simone Weill (1943) como sendo uma necessidade humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo migratório que formou as comunidades quilombolas que fazem parte dessa pesquisa possibilitou uma organização forjada fora dos moldes sociais e patriarcais do norte tocantinense e, de modo geral, da sociedade capitalista. O tornar-se liderança quilombola acontece de modo contínuo e horizontal dentro desses espaços territoriais.

As relações femininas estabelecidas dão voz para as mulheres quilombolas numa trajetória histórica construída e espacializada dentro de suas próprias comunidades através dos saberes que são re-passados de uma geração para a outra.

Os passos seguintes apontam para a compreensão desse processo formativo dentro das suas próprias comunidades e também dentro do mesmo contexto histórico de formação e construção, onde cada mulher poderá fazer e trazer suas reflexões acerca desse processo-movimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlídia Pereira de. Sementes crioulas, da ancestralidade para a atualidade: o protagonismo dos saberes tradicionais do povo quilombola de Lagoa do Peixe. In:



DEALDINA, Selma dos Santos (Org.). **Mulheres quilombolas**: território de existências negras femininas. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020.

COSTA, Kênia Gonçalves. Entre águas e lutas no interflúvio Araguaia-Tocantins: protagonismos femininos. In: RAMOS, Gleys Ially; OLIVEIRA, Juliete; MOREIRA, Jorgeanny (orgs). **Mulheres emparedadas**: confissões da pandemia. Goiânia: Kelps, 2021.

FROCHTENGARTEN, Fernando. A memória oral no mundo contemporâneo. **Estudos Avançados**. v. 19, n. 55, São Paulo, Sept./Dec. 2005, p. 367-376.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Terras de uso comum: oralidade e escrita em confronto. **Afro-Asia** (UFBA), Salvador, v. 16, nov. 1995.

HÖFFLER, Angelica. **A Floresta e a Salvação**: encantamento, aventura e profecia na “literatura oral” nordestina. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Ed. 17ª, Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Izarete da Silva de. **Território e Territorialidade nos Limites do Rural e Urbano na Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia – TO**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território. Araguaína: UFT, 2018.

SADER, Regina. Ser mulher e camponesa. **Boletim Presença**. Ano II, nº 5, UNIR, 1995, p. 01-06.

SADER, M. Regina C. de Toledo. **Espaço e Luta no Bico do Papagaio**. Tese (doutorado), FFLCH - Departamento de Geografia – Universidade de São Paulo, 1986.

SANTOS, Gleys Ially Ramos dos. **Mulheres em Movimento**: os limites do espaço e do gênero em face do movimento de mulheres trabalhadoras rurais no Tocantins. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Geografia/IESA. Goiânia/GO: UFG, 2013.

SANTOS, Katiane da Silva. **Do Passado ao Presente**: A Festa da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território. Araguaína: UFT, 2018.

SILVA, Givânia Maria. **O Quilombo de Conceição das Crioulas**: uma terra de mulheres – luta e resistência quilombola. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, 2022.

SILVA, Givânia Maria. Mulheres quilombolas: afirmando o território na luta, resistência e insurgência negra feminina. In: DEALDINA, Selma dos Santos (Org.). **Mulheres quilombolas**: território de existências negras femininas. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020.

SOUSA, Elaine da Silva. **Protagonistas de sua História**: territorialidades femininas da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO. Dissertação (Mestrado) –



Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Tocantins – UFT, Porto Nacional, 2021.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa. **À Procura das Bandeiras Verdes: Viagem, Missão e Romaria - Movimentos sócio-religiosos na Amazônia Oriental.** Tese (Doutorado) - Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. 623 f.

WEILL, Simone. (1943). O desenraizamento operário. Em **A condição operária e outros estudos sobre a opressão.** Antologia organizada por Ecléa Bosi. 2 ed. ver. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996, p. 413-440.